
SCHIRLEY P. FRANÇA: ARTESANIAS E MATERNAGENS DE UMA ARTISTA BRINCANTE

DANIELA ROSANTE GOMES

Bacharel em Imagem e Som (UFSCar, 2005), Mestre em Artes (UFU, 2011), Doutora em Artes Cênicas (PPGT-UDESC, 2023). Artista e Arteira de várias Artes e linguagens. Aprendiz de Vida Viva. Educadora Sonhadora e Realizadora de vários sonhos e despertares. Artivista em várias frentes e fronts. Mamãe de três! Professora-Extensionista-Pesquisadora Adjunta do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Gosta das ruas e das memórias, das culturas e das histórias. Ama as gentes! E acredita no Amor. Na Arte.

SCHIRLEY P. FRANÇA

Atua na área das artes cênicas, do teatro de bonecos, e dos movimentos de cultura popular. Tem uma vida dedicada a formação e manutenção da CARROÇA DE MAMULENGOS, como mãe e co-fundadora. Brincante, Artesã, Pedagoga, graduada pela UFF- Universidade Federal Fluminense, desenvolvendo projetos nos campos da literatura, biblioterapia, contação de histórias, oficinas de brinquedos, e artesanias em estandartes.

Resumo

Este ensaio é uma adaptação de uma entrevista realizada com Schirley P. França, apresentada na tese de doutoramento: Carroça de Mamulengos: poéticas de convivência e memórias de quem viveu e conta suas histórias, de autoria de Daniela Rosante Gomes. A Carroça de Mamulengos é a companhia teatral familiar itinerante, com mesmo corpo teatral desde o início (sempre crescendo na medida em que a família aumenta) e com atividades ininterruptas mais antiga do país, caminhando pelos chãos e rincões do Brasil desde 1977, e Schirley P. França é a mãe desta família, formada por 8 filhas, 8 netas e uma fábula de pessoas agregadas que acompanharam a família em suas diferentes fases de existência. O artigo traz as reflexões de ambas intercaladas em uma escrita performativa que permite entrever o tom íntimo da conversa. Um diálogo leve, mas também profundo que passeia sobre pormenores do cotidiano de uma Mãe, Mulher e Artista que perfaz sua Vida na Arte nos processos de uma maternidade e de uma maternagem sem fim.

Palavras-chave: Schirley P. França. Artesanias do cuidar. Carroça de Mamulengos. Maternagem. História oral.

Abstract

The article is an adaptation of an interview conducted with Schirley P. França, presented in her doctoral thesis: Carroça de Mamulengos: poetics of coexistence and memories of those who lived and tell their stories, written by Daniela Rosante Gomes. Carroça de Mamulengos is the oldest traveling family theater company in the country, with the same theater group since its beginning (always growing as the family grows) and with uninterrupted activities, traveling the lands and corners of Brazil since 1977. Schirley P. França is the mother of this family, made up of 8 daughters, 8 granddaughters and a fable of people who accompanied the family in its different phases of existence. The article brings the reflections of both interspersed in performative writing that allows us to glimpse the intimate tone of the conversation. A light but also profound dialogue that wanders through details of the daily life of a mother, Woman and Artist who completes her Life in Art in the processes of endless motherhood and mothering.

Keywords: Schirley P. França. Crafts of caring. Mamulengo cart. Mothering. Oral history.



Foto de uma artesaria de Isabel Gomide e Idália Lucena, (filha e nora de Schirley, respectivamente)
Técnica: colagem, desenho e bordado sobre fotografias

O presente ensaio é uma adaptação da primeira entrevista realizada com Schirley P. França por mim, Daniela Rosante Gomes. A entrevista foi apresentada na íntegra na tese de doutoramento: *Carroça de Mamulengos: poéticas de convivência e memórias de quem viveu e conta suas histórias* (GOMES, 2023). Uma tese formada por quatro livros, onde trabalhei com os relatos diretos de uma família artista e das pessoas que com ela conviveram, abordando olhares plurais em sequências de entrevistas sobre uma trajetória de trajetórias.

Escolher as entrevistas como foco central dos textos da tese me fez escolher como uma das metodologias principais para o trabalho a História Oral, tal como apresentada pelo pensamento de MEIHY (2005, 2011a, 2011b). Em uma tese de teses, defendendo que ninguém melhor do que estas pessoas que vivenciaram a história para apresentarem suas próprias conceitualizações, que serviram como referencial teórico do trabalho acadêmico.

A Carroça de Mamulengos é a companhia teatral familiar itinerante, com mesmo corpo teatral desde o início (sempre crescendo na medida em que a família aumenta) e com atividades ininterruptas mais antiga do país, caminhando pelos chãos e rincões do Brasil desde 1977, quando Carlos Gomide iniciou sua trajetória como artista itinerante após ter vivenciado experiências de teatro de grupo.

Schirley P. França iniciou sua trajetória com Carlos Gomide logo no início da caminhada, também dando forma e conteúdo estruturantes ao que se tornou a Carroça de Mamulengos. Schirley é a mulher na cena e é a mulher por detrás da cena, nos bastidores. Melhor seria dizer: é a mulher no plano de fundo da imagem transparente dos teatros que se fazem nas ruas, nas feiras e nos lugares em que o artista vai aonde o povo está. Também seria justo refletir: a grande mulher por trás do grande homem, o cameloturgo e babauzeiro Carlos Gomide; mamulengueiro reconhecido como raiz forte de uma linhagem de brincantes do Teatro Popular Nordestino e Candango, reconhecido como o grande criador artístico e mentor intelectual por toda família artista, incluindo Schirley. No entanto, nas primeiras entrevistas, apenas os trabalhos do pai apareciam nas falas dos filhos e filhas e de outras pessoas entrevistadas, havendo a necessidade de provocar a reflexão sobre os processos protagonizados por Schirley na caminhada da Carroça.

Sobre Schirley: a mulher no plano de frente de uma família que, em cena, segue se apresentando para além das ruas em teatros e nos grandes centros culturais do país, também já tendo se apresentado na França e Holanda, e caminhado pela Argentina e Uruguai. A grande atriz brincante de um espetáculo de quase 4 décadas que emociona gerações: o *Histórias de Teatro e Circo*, que cresceu e segue crescendo na medida em que cresce a própria família.

Mãe de 8 filhos gestados em seu útero e avó de 8 netas (uma ainda no útero da filha primogênita!), Schirley tem sua *maternagem* apresentada não só dentro da família consanguínea, mas também expandida aos agregados que andaram e viveram com a trupe familiar. Vale dizer que Schirley é reconhecida por outras pessoas que com ela e a família vivenciaram as experiências de Vida e Arte da Carroça de Mamulengos em suas andanças por *um Brasil profundo*, como ela gosta de dizer. Gente que com ela conviveu e cresceu, vindo a considerá-la também como uma espécie de mãe (sem ser a mãe), por agregar princípios e cuidados atualmente discutidos nas reflexões que hoje se tecem em torno do conceito de *maternagem*.

Apresento a terminologia *maternagem* na compreensão de um conjunto de práticas exercidas pela mãe no dia-a-dia, que envolvem proteger, educar, cuidar dos processos físicos e fisiológicos rotineiros (nutrição, higiene, saúde etc.), e, sobretudo, acolher e suprir a criança em suas necessidades educacionais e afetivas, instrumentalizando-a – e ao futuro adulto – com recursos como sociabilidade, autoconfiança e saúde psico-emocional. Segundo Ana Luíza Figueira¹:

¹ Ana Luiza de Figueiredo Souza é mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense, e atua como escritora, consultora acadêmica e literária, redatora publicitária, revisora, parecerista e produtora de conteúdo nas redes sociais que abordam reflexões e narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade.

*Em português, o sufixo latino **age** expressa ação ou resultado de ação. Dessa forma, podemos entender a maternagem como processo contínuo, rotineiro, que se realiza por meio de atividades cotidianas. O termo maternagem é utilizado em áreas como a Psicologia e a Enfermagem para designar o cuidado de mães ou outros cuidadores com crianças sob sua responsabilidade.*

FIGUEIRA, 2021

Vale ressaltar que este processo de processos (tantas vezes invisíveis e ou invisibilizados na escala dos valores considerados socialmente relevantes em uma sociedade ainda machista e misógina), demandam tempo e profunda dedicação por parte das mulheres, e não se manifestam apenas na fase dos cuidados da infância, mas seguem também fase da adolescência e da vida adulta, onde cuidado, orientação e afeto seguem produzindo seus efeitos positivos sobre a vida humana, tomando-se aqui a compreensão em sentido similar de Figueira (2021), quando diz:

O termo maternagem é utilizado em áreas como a Psicologia e a Enfermagem para designar o cuidado de mães ou outros cuidadores com crianças sob sua responsabilidade. Mas podemos expandir essa ideia para se relacionar às tarefas de educar e cuidar de quem se toma por filho/a, ou até os cuidados com alguém, de certa forma, dependente da pessoa que o/a materna. Apesar de geralmente associada a crianças, a maternagem não se restringe a elas, podendo abranger adolescentes e mesmo adultos.

FIGUEIRA, 2021

O artigo apresenta uma prática de vida que podemos associar às discussões mais recentes sobre a maternidade, mais uma vez citando Figueira (2021), que nos auxilia a compreender mais alguns aspectos ligados a conceitualização que vamos utilizar para observar as práticas de Schirley P. França em seu cotidiano:

Dante disso, a maternagem não apenas pode ser entendida como a prática cotidiana da maternidade, mas também como sua própria performance. Dito de outro modo, a maternagem é um dos mais fortes elementos que constituem a rotina de atividades e atitudes que classificam uma mulher como mãe de seus filhos. Todavia, a maternagem, por si só, não é suficiente para chamar alguém de mãe. Babás, avós, professoras, comadres, tias e madrinhas comumente desempenham tarefas relacionadas à maternagem das pessoas (em geral crianças, mas pode-se incluir adolescentes, jovens adultos ou adultos com algum tipo de deficiência que demande maior amparo) sob seus cuidados. Isso não significa necessariamente que as enxerguem enquanto filhos/as, nem que sejam consideradas mães por aqueles/as que maternam

FIGUEIRA, 2021

Além das questões relacionadas à maternidade de Schirley, o artigo também apresenta reflexões sobre os desafios e peculiaridades da existência da mulher em contextos diversos, pensando as questões de gênero, neste caso, relacionadas diretamente à vida de uma artista com uma trajetória muito peculiar: esta mãe, artista e mulher que estruturou e

fez da Carroça de Mamulengos o que ela se tornou ao longo de sua história. Seus relatos configuram para mim, em uma espécie de oportunidade de exercitar a *escrita de si* e as *invenções da subjetividade* na perspectiva apresentada por Schefler e Margareth Rago (2014) em suas leituras sobre o feminismo, iniciadas em outros contextos, mas sempre avançando para um olhar e uma escrita realizadas na ordem dos relatos pessoais, nas miudezas que revelam a vida em sua integralidade de modo surpreendente.

A entrevista principal que estrutura o texto apresentado no artigo de forma mais performativa², foi realizada 25 de maio de 2018 na casa de sua mãe, Dona Zélia, em Taguatinga-DF, mas contém também alguns fragmentos de falas e pensamentos que foram enunciados por ela futuramente, já na fase das devolutivas da tese (uma etapa da História Oral em que juntas retomamos os conteúdos e trabalhamos sobre eles para dar o acabamento, fazer as correções e até inserir novas reflexões), com um lapso de quase 6 anos entre a entrevista, em 2018, e a devolutiva em 2024.

A entrevista fala por si, e traz presente bastante da oralidade e de suas marcas, apesar das diferenças entre as duas linguagens; escrita e oral. Foram retirados da fala de Schirley alguns *trejeitos da fala*, também conhecidos no meio acadêmico como *vícios de linguagem*, mas não todos, buscando preservar um falar mais orgânico e real da mãe da família, que fez questão de corrigir linha a linha este e outros escritos da tese, consolidando assim o que propõe toda uma ética envolvida na História Oral. As falas de Schirley vem sempre em letra maior, cabendo também destaque e o uso de uma escrita brincante (GOMES, 2023), na qual ressalto trechos em CAIXA ALTA, cabendo também outras brincadeiras textuais, incluindo também uso de diferentes fontes mais ao final do texto, quando retomo a palavra como enunciadora principal (tal como faço nesta introdução).

No texto, entre as palavras/falas de Schirley, vou tecendo nas entrelinhas [entre colchetes, sempre em letra menor] os comentários que abarcam camadas de discurso e acontecimentos de diferentes períodos da pesquisa, que já dura 9 anos! Quando minha fala está entre aspas, é a voz da entrevistadora investigando Schirley no tempo real da entrevista. Quando está entre os colchetes, mas sem aspas, são minhas anotações em uma outra camada de discurso: minhas reflexões da artista, pesquisadora, mulher e mãe, narrando também minhas próprias histórias de forma bastante determinada... mas também reticente...

Portanto, na escrita do artigo, e na mesma linha da tese, integro minhas próprias reflexões e vivências às narrativas da entrevistada, buscando tecer meus pensamentos sem bater nenhum martelo de universalidade, tal como tem ocorrido em pesquisas que, falando de decolonialismos, seguem afirmando regras e defendendo certezas universalizantes típicas do pensamento colonial, tão desejoso de abranger de forma totalitária realidades diversas, numa postura de elevar apenas um modo de pensamento/percepção e ação, que, em última instância, respondem aos instintos de dominação típicos dos discursos patriarcais que desqualificam experiências sensíveis como forma legítima de produzir conhecimentos, na linha das ciências ditas duras.

Minhas narrativas e reflexões buscam formas de pensamento/escrita e ação mais integradas com o conceito das *escrituras de si*, identificadas como uma escrita mais

² Sobre a *escrita performativa*, eu a referencio a partir do importante trabalho de Inês Saber e outras/os pesquisadoras/es do coletivo/grupo de pesquisa de *Escritas Performativas* iniciado nos corredores da Universidade Estadual de Santa Catarina a partir de sua pesquisa de doutorado. O grupo é cadastrado no CNPQ. Seus conteúdos se encontram com facilidade nos autos acadêmicos e outras *bulas performativas* disponíveis na net.

ligada a um universo feminino, um enunciar da memória, dos relatos pessoais que fazem o burburinho das conversas de comadres, desejas de falar de seus cuidados e desafios... uma fala que corresponde a uma escrita que se faz deseja de trocas e compartilhamentos, mais do que do desejo de se estabelecer marcos conceituais.

Com Schirley, ao longo destes anos em nossas conversas de comadre, pude vivenciar uma riqueza de experiências compartilhadas de forma profunda e íntima, construindo uma relação com uma mulher que admiro e que carrego como uma referência de vida, junto à minha mãe e minhas tias, além de outras mestras de Vida e Arte que fizeram despertar um olhar mais atento na direção de mulheres que enfrentaram mundos e toda sorte de desafios para seguirem seus caminhos sendo mães, mulheres, artistas e pessoas comprometidas com uma toda uma ética de cuidado que por vezes nos torna alvo de críticas e incompreensões severas (e, se digo no plural, é porque sou mãe destas mesmas águas!).

Importante evidenciar que minha escrita é comprometida até os ossos com o tema e com as pessoas envolvidas na pesquisa, nas linhas e preceitos de uma tese que não se propôs à pretensa neutralidade científica, caída por terra mesmo em outras áreas mais duras do campo acadêmico. Comprometida até os ossos até no que diz respeito ao uso de metodologias e procedimentos éticos extremamente trabalhosos de serem atendidos, por carregarem em si o cuidar e os cuidados. E não por acaso, uma pesquisa longa, em que a construção de relações e afetos se dá pela convivência contínua, na construção de diálogos onde estão presentes a amizade, a confiança e o desejo de crescimento mútuo.

Tenho muito Amor (que escrevo com letra maiúscula, mesmo, buscando elevar palavra tão evitada no meio acadêmico) por Schirley e afeto especial por esta entrevista primeira, que foi encaixada num tempinho escavado entre as correrias cotidianas de uma viagem/estadia em Brasília onde participamos de um encontro de artistas e educadores organizado pela Cia Buriti – uma das companhias familiares que realiza trabalho artístico e educacional em comunidades ditas periféricas, e que traz a Carroça como uma grande referência para sua Arte. Uma companhia com protagonismo de mulheres!

O contexto da entrevista: na casa de Dona Zélia cozinhando, lavando louça, organizando casa, malas e buscando assimilar acontecimentos inusitados, quando fomos furtadas em um dia e roubadas à mão armada no outro assim que chegamos em Brasília, uns dias antes. Entre Schirley lavando uma roupa e atendendo sua mãe e a família diante dos fatos citados, separamos um pequeno tempo já no último dia de minha estadia para, durante cerca de uma hora, trocarmos nossas palavras registradas pela primeira vez por um gravador (atendendo as exigências de registro da História Oral, acima citada).

Por fim, cabe ressaltar que o texto da referida tese, adaptado para a escrita deste artigo, está em um dos capítulos que trazem as vozes da família consanguínea, apresentadas no livro *Uma história de Arte e de Vida*. Capítulo de mesmo nome que este artigo, focalizando especificamente a matriarca da família a partir de imagens que considero fundamentais para se alcançar as filigranas do cotidiano e das transformações vivenciadas por Schirley e pelos integrantes da família Carroça de Mamulengos, que um dia foram mencionados por Luis Carlos Vasconcelos³ como *os últimos saltimbancos modernos!*

³ Ator paraibano e diretor teatral, é um dos criadores do grupo Piollin de Teatro e da Escola Piollin, desde seu início em 1977, quando foi realizada uma ocupação de um antigo convento franciscano que se tornou um centro cultural. Neste espaço Luiz Carlos Vasconcelos recebeu a Carroça de Mamulengos, assim como no Teatro Santa Roza nos primórdios das andanças da companhia. Possui um trabalho circense muito respeitado, atuando na Arte Comunitária com o querido Palhaço Xuxu.

Seguindo a metodologia apresentada na tese, com a palavra: A Mãe!!!

[“Schirley, eu queria que você me contasse como é esse cotidiano do Carroça, esse cotidiano desta Vida que foi acontecendo... Como que essa vida foi acontecendo? Como você se lembra de como que as coisas foram acontecendo? Como foi ter oito meninos e cuidar, e alimentar e acompanhar, muito de pertinho, cada um deles, mesmo com todas as dificuldades que isso demanda? Queria que você falasse um pouquinho sobre isso...”] Bom, a gente iniciou nossa conversa aqui hoje falando sobre o tempo... [...] Esse tempo apareceu *nas horinhas de descuido*... [Sorrimos! Schirley traz a fala de sua personagem a boneca **Felicidade*** (uma citação de João Guimarães Rosa⁴). Uma boneca criada para brincar nas ruas (**abrir roda***) há mais de 40 anos!!!] Porque o cotidiano... é no cotidiano que a gente se revela, porque, às vezes, lavando a louça, cortando algum tempero, isso é comum, tem um pouquinho mais de chance de devaneio... Então, nesse devaneio que vem nessas horinhas de descuido, vêm umas ideias criativas... vem música, vem uma possibilidade de cena, uma ideia de um figurino... Esse parar no cotidiano de numa família é muito complicado! Porque a Vida ela pulsa, é viva! Tem que organizar todas as coisas: amanhecer o dia, as crianças têm que tomar café... tem o almoço... já tem roupa suja... já tem a casa pra mexer... as camas por arrumar... [...] Minha mãe me criou, minha avó foi mãe de 20 filhos! Minha mãe vem depois, e essa labuta cotidiana desse ser mulher e mãe, ele é muito intenso, porque nós somos provedoras. [...] É o que acontece hoje com as mulheres urbanas: se não pode estar com seus filhos, tem que ter uma pessoa pra estar no cotidiano deles, porque é necessário... a Vida exige isso. Os filhos exigem isso! Não é brincadeira ter um filho... [...] Então, a Vida é cultivada nos mínimos detalhes, ela necessita desse cultivo. O ser humano é um animal que precisa do carinho, do cuidado e do alimento. O carinho e o cuidado tá praticamente paralelo ao alimento. O ser humano não vive sem se alimentar... sem o carinho. Alguns animais que nascem, já saem andando... caminhando. Mamam e caminham! O ser humano, não! Precisa do colo, do aconchego, do cuidado. O bebê é completamente inofensivo, completamente necessitado da mãe, do pai, do outro... Então, imagina: um bebê, dois bebês, três bebês, até eles se tornarem grandinhos, até poderem cumprir suas necessidades sozinhos, ir ao banheiro sozinhos, [...] comer com as mãozinhas deles... olha quanto processo! É um processo longo... de anos. E o cuidado da amamentação? Pegar o bebê no colo, amamentar... É isso! Como que a Arte foi surgindo nesse movimento? É porque nós estávamos numa itinerância... eu me destinei a nunca deixar meus filhos por causa da Arte, por causa dos trabalhos. “Vai sair pra fazer um espetáculo? Eu vou também!”. Podia fazer sol ou chuva, mas onde coubesse meu filho, me cabia. Essa passou a ser a premissa [...]: “Onde cabe meu filho, me cabe!” [pensamento que eu já havia ouvido pela fala de Carlos Gomide, com quem já havia convivido mais do que com Schirley, até então, mas que, como outras frases e pensamentos, sinalizavam os frutos de uma semeadura compartilhada... com as raízes plantadas bem firmes nas terras do coração

⁴ A citação *ipsis literis*: “Felicidade se acha é só em horinhas de descuido” refere-se a um trecho do conto “Barra da Vaca”, publicado no livro ‘Tutaméia: terceiras estórias’ (ROSA, 1985).

de uma mãe que, com toda sabedoria de nutriz, conduzia os processos do bem estar de sua prole junto ao companheiro]. Se eu tô num lugar que tá muito barulhento, que tá muito impossível de estar com meu filho, eu não vou estar, entendeu? Quando as condições eram muito extremas, e eu não podia estar com meus filhos, eu não ia... [...] Mas a gente criava condições para estarmos todos juntos: o Carlos, eu e as crianças... [Schirley geralmente usa a primeira pessoa do plural em suas narrativas, tomando sempre a família e a ideia de união e parceria na tomada de decisões que definiram os caminhos iniciais da família Carroça de Mamulengos. Schirley e Carlos conviveram por 25 anos, do início de 1982, quando seguiram juntos na caminhada, até fins de 2007, quando se separaram os caminhos. Com o tempo e as escutas de ambos, comecei a observar que havia uma grande diferença no enunciado de Carlos Gomide que, via de regra, falava sempre na primeira pessoa do singular: "eu", ao enunciar suas narrativas, ainda que estivesse se referindo aos processos que eram partilhados com ela e com a família. Carlos também usava o artigo masculino precedendo a citação da Carroça. Aliás, ele e toda a família, quando iniciei a pesquisa, diziam: "O Carroça..." enquanto grupo- na terceira pessoa do singular. Isso se modificou com o tempo, atendendo à um pedido da filha Maria Gomide, filha primogênita que, depois da separação do casal, tomou as rédeas da produção da companhia, que passa por uma transformação em termos de linguagem e modos de produção. Maria solicitou aos familiares de forma direta passassem a enunciar: "A Carroça", enquanto trupe, companhia, família, ampliando formas e existências de um grupo que acaba se tornado uma fábula, uma entidade, até. Ao pensar aspectos de produção e do como narrar a complexidade da família, repleta de capítulos e evoluções que precisavam ser unificadas nas falas de tanta gente, Maria vai criando vocabulários, narrativas e cuidando de fazer a locomotiva da Carroça andar, primeiro como filha, depois como a mãe de Ana em seus próprios processos de *maternagem*, neste momento esperando a segunda filha. Eu mesma começo a olhar de fora estes processos da família em transformação desde o momento de minha chegada, acompanhando ao longo de um tempo estendido de 9 anos, até a escrita deste artigo, a abertura de novas perspectivas, que passaram a incluir um olhar sobre o campo de comportamentos humanos relacionados às construções sociais e narrativas que pensam o lugar da mulher e da mãe a partir de suas singularidades. permitindo que eu realmente constatasse que há uma especificidade nas formas de contar as histórias, pensando a questão de gênero - o que foi se tornando um foco maior de interesse durante a pesquisa, dentro e fora da família Carroça. Questões que vieram surgindo, como esta do uso do "eu" enunciador - ou do "nós" – e que vim aos poucos descobrindo como trazer à reflexão com os integrantes da família, incluindo o próprio pai, Carlos Gomide, que no princípio, em especial no período das lives, durante a pandemia, inclusive, quando citava, só citava Schirley de maneira subsidiária e extremamente pontual. Schirley, ao contrário, além do uso do nós, traz explicitamente a presença de Carlos para sua narrativa, em vários momentos, revelando de modo generoso a intrínseca parceria do casal que definiu os movimentos da Vida da família durante muitos anos, ao mesmo tempo denotando esta feição bem típica dos modos femininos de narrar, que fui investigando também em outros contextos. As narrativas de Carlos quase sempre traziam um apagamento de Schirley que, como outros apagamentos da própria família também me incomodavam. Comecei a questionar Carlos de forma cada vez mais direta e contundente sobre estes aspectos, com apontamentos e até embates que se tornaram cada mais fortes, provocando-o sempre para uma análise e mudança de atitude. Cabe dizer que, sendo também uma grande admiradora do pai da família, por quem sempre nutri igual

respeito e afeto, foi com muita alegria que assisti o patriarca da família começar a incorporar Schirley às suas narrativas, utilizando também a primeira pessoa do plural (o “nós”), não apenas para se referir à Carroça como um todo, mas também à matriarca especificamente Feitas estas considerações que considero relevantes na reflexão geral do artigo, sigo com Schirley e suas memórias:] E a construção de tudo isso porque, quando eu conheci o Carlos, ele tinha uma mala grande de bonecos, uma bolsa. E aí, quando eu fui viver junto com ele, já não era só uma mala de bonecos: era eeeeu, mais uma mala minhaaaa, as minhas coooisas... [ela fala aumentando as palavras, sempre de forma muito expressiva] E aí, quando surgiu a Maria, quando ela nasceu, não era mais só Carlos, a mala de bonecos, eu e minha mala, minhas coisas... já era as coisinhas que eram da Maria, a roupinha dela, as coisas de quando ela veio ao mundo. Imagina... [A forma de Schirley expressar estas imagens da vida cotidiana da família, foi algo que me fez imediatamente despertar para as coisas mais invisíveis do cotidiano de uma mãe. Eu era a mamãe de dois, apenas dois, naquele momento, e já conhecia muitos destes processos que nem sempre aparecem nos *curriculum vitae* da vida profissional... as tarefas cotidianas, os olhares das filigranas da vida, dos desafios e das pequenas grandes coisas que tomam o nosso tempo quando os filhos chegam... Aliás, são as coisas que estão na vida, mas que não são enunciadas... E eu ficava a imaginar Schirley neste cotidiano tão singular com seus 8 filhos! vivenciando tudo isso... Schirley não me dizia nada absolutamente novo no que tange a pensar a educação e o cuidado com os filhos... pensávamos de forma parecida, e fui criada com valores, percepções e cuidados na mesma linha... no entanto, ela falava sobre coisas que, se de algum modo eu já conhecia, com ela essas coisas tomavam uma outra expressão. Nada era novo, mas tudo vinha com um olhar diferente, como fazer um zoom e colocar um foco em uma câmera fotográfica, na qual o olhar vai ficando mais atento... observando mais detalhes... Detalhes que me faziam refletir cada vez mais sobre estes processos da Vida ligados à *maternagem* que Schirley me apresentou enquanto conceito, da forma mais orgânica possível, aprendendo com ela sobre uma terminologia emergente, antenada que estava Schirley nesta e noutras discussões sobre um *feminino* que começou a surgir de todos os lados em nossas vidas: para além dos próprios *feminismos*, mas junto com eles! Maria Gomide, a citada filha primogênita, também fazia parte deste cenário, me trazendo muitas reflexões sobre esse lugar de lugares, e juntas refletimos bastante sobre os papéis da mulher, da mãe, da mulher artista e dos conceitos e pré-conceitos em movimento nestas questões que não puderam ser definidas a partir de conclusões definitivas e engajamentos resolutos. Mas tinham também as novidades, como a aromatoterapia, que abriu campo para outras medicinas alternativas com as quais eu já dialogava, ampliando esses saberes de forma surpreendente em minha vida. Vale notar que, à convite de Schirley, participei de um intenso e incrível movimento de mulheres que, mesmo à distância, realmente auxiliavam outras mulheres através de encontros online, antes, durante e depois da pandemia... Mas isto... é uma outra história... da qual, como na tese, faço memória, buscando ilustrar a imensidão de situações que vivenciamos na trajetória que foi se fazendo Vida, trazendo elementos que compõe toda uma tessitura de vivência para estas reflexões... E segue Schirley narrando:]. Aí, foi crescendo... [...] Nós criamos um outro boneco, o Palhaço Alegria. Se a mala dos mamulengos já era grande, a caixa do Palhaço Alegria é das maiores caixas que a gente tem no espetáculo [*Histórias de Teatro e Circo*, e ela reposiciona:], aliás, na nossa trajetória. É uma caixa enooorme! Então, já éramos nós três, mais o Palhaço Alegria, mais algumas coisinhas que a gente já tava adquirindo. Então, já começou a estrutura a aumentar, a crescer, e assim por diante.

Então, isso se multiplicou exponencialmente, essa construção desse todo... deste fazer na itinerância! [...] Como a gente vivia? Se transportava através de um ônibus interestadual. Muitas vezes a gente ia andar em ônibus comum... desses que rodam as cidades, e aí tinha que descer... Quando íamos entrar, eu pedia pro motorista: "Motorista, abre a porta pra gente colocar a bagagem lá atrás?". Aí, quando a gente ia subir com o material, o motorista fechava a porta, plaf! "Não! Não pode levar!". A gente tinha que descer correndo, eu descia com os meninos, o Carlos descia com a caixa, até aparecer um outro motorista que deixasse a gente entrar com aquela caixona grande do Palhaço Alegria... Era uma caixa giganteeeescas... ["Ônibus urbano normal?"] Normaaaal, entendeu? O circular na cidade... de uma escola pra outra... de uma localidade pra outra... [...]

A Rede de Amigos e o Trabalho nas Escolas: Braços fortes na formação da Carroça de Mamulengos

Estávamos sempre na casa de amigos. Minha mãe mora em Brasília, então era sempre um apoio. A gente sempre teve essa casa de apoio: a casa da minha mãe. Quando íamos pra Fortaleza, tinha amigos, então ficávamos na casa de amigos. Raramente podíamos pagar uma hospedagem... pensão... hotel. Nós não circulávamos assim! A gente sempre contava com os amigos [...]. Essa rede de amigos, foi outro braço de formação da Carroça de Mamulengos [em uma importante reflexão que define um dos eixos de existência da trupe familiar em suas convivências com as pessoas, reflexão esta bastante manifestada na fala de Schirley e dos filhos e filhas]. Essa rede de amigos, das pessoas que nos apoiaram, circulando o Brasil... nessa vivência. Os nossos amigos não eram amigos de somente assistir os espetáculos. Eram amigos mesmo! De pegar meus filhos no colo, de estar comigo, de dividir o pão, de estar na mesa... a gente compartilhar o almoço, as angústias das dificuldades financeiras, as labutas... Todo mundo via que a gente tava ali! Acordava cedo, batalhando, deixando as coisas organizadas e saindo pra vender os espetáculos. Nos fazíamos contatos por telefone fixo porque não tinha essa coisa de internet há trinta anos... fazíamos com antecedência os contatos. Nós identificamos que o trabalho do Carroça nas escolas seria um potencial. Por mais que visitássemos os órgãos de cultura do estado, a Secretaria de Cultura, as prefeituras, o que manteve mesmo o Carroça de Mamulengos nesses anos todos foi o trabalho com as escolas... [neste período ao qual Schirley se refere, a Carroça também se firmou como pioneira em outra vertente, inaugurando a prática de se apresentar o teatro nas escolas, inserindo o Teatro na cultura escolar de forma mais sistemática e organizada, com remuneração para artistas, já que esta prática ainda não era comum naquela época e nos lugares onde passavam... estamos nos anos 80, região Centro-Oeste e Sudeste]. Fomos conquistando uma rede de educadores, de pedagogos... pessoas que, sempre quando nós passávamos pelas cidades, nós visitávamos... [...] as mesmas escolas nos recebiam. Então, era assim... eram os amigos e as redes dos professores, dos pedagogos, dos educadores que conheciam a história da gente e, de ano em ano, de dois em dois anos, quando passávamos naquela cidade... nas cidades do Brasil, a gente tinha uma rede de escolas que nos apoiavam. E o espetáculo da escola é um espetáculo fantástico, porque tem um público já no local, normalmente tem pátios... algumas escolas têm teatro... locais específicos pra Arte. Pedíamos a contribuição do aluno. O trabalho na escola é um trabalho fundamental, que é tirar esse peso... de que a escola é isolada. A escola se relaciona

com aquela comunidade, mas ela não pode ficar isolada. Ela tem que se relacionar mais ainda, com os pais, com a localidade onde ela está inserida, com a cidade que ela tá inserida, e com o Brasil, e com o todo! A escola não pode se isolar, fechar as portas: "Aqui é só a escola e o corpo pedagógico da escola.". Não! As Artes, as formações de professores, todo esse processo dentro da escola, ele é fundamental pro crescimento de uma educação mais voltada pro ser humano para a ampliação desse universo de consciência humana! Então nós vínhamos com o nosso espetáculo brincar dentro das escolas, com a contribuição dos pais. As escolas questionavam: "Como é que a gente vai fazer? A gente não sabe". [Schirley ilustra aqui a novidade que a família ia levando às escolas, assim como os modos através dos quais a família ia criando os recursos necessários para consolidar o trabalho de parceria dos artistas as escola com as escolas, servindo de modelo depois a outras famílias, artistas e grupos que reconhecem esta e outras influências em seus modos de existência, fazendo da Carroça uma verdadeira escola de saberes e fazeres, conforme incontáveis depoimentos da tese (GOMES, 2023) que possui um livro específico englobando estes relatos de terceiros: Uma Escola de Arte e de Vida. Schirley compartilha aqui os detalhes de um processo extremamente cuidadoso e afetivo dela e Carlos Gomide estabelecerem sua relação com a escola e com o público das apresentações:] "A gente faz uma cartinha pros pais, muito simples! Faz uma circularzinha. Imprime" [no mimeógrafo!]. No princípio tinha uns carimbinhos [carimbavam os convitinhos, assinavam]. Às vezes nós mesmos dívamos as cartinhas. Passava as cartinhas em mimeógrafo, cem, duzentas cartinhas, e nós mesmos cedíamos as cartinhas pra escola. E fazíamos uma coisa muito interessante, muito importante!!! ... que deixou de ser feito... nós passávamos de sala em sala nas classes, íamos com nossos bonecos e as cartinhas prontas, e entregávamos: "Senhores pais, é com alegria que a escola vai receber um grupo de Cultura Popular, a Carroça de Mamulengos, para apresentar *As Bravatas do Professor Tiridá...*, *A História de Benedito...* Peço a sua assinatura e a contribuição é x". O filho trazia a cartinha de volta assinada e a contribuição entregava pra professora. Cada turma tinha o seu envelope com a contribuição que a professora ajudava a recolher e a escola entregava pra nós aquele próprio envelope grampeado: "Turma Tal: tanto". Entregava tudo dentro de uma sacolinha e a gente que conferia. Anteriormente, nós já tínhamos falado com as professoras. Fazíamos um trabalho com a diretora, com o corpo pedagógico, primeiro. Dialogava... mostrava os bonecos e cativava a escola. Com a escola cativada pelo afeto da brincadeira, ela se torna nossa parceira! Então, a brincadeira flui, a brincadeira é linda! Aí a gente tem aquele lanchinho pra nossas crianças, é cedido pra nós um espaço agradável, os professores adoram a gente... e aquele abraço fraterno. [...] Isso flui em todos os sentidos. A brincadeira é boa, uma brincadeira bonita. A contribuição é generosa... Embora nem todos pudessem contribuir e ninguém era constrangido a fazê-lo, de forma que era avisado que ninguém deixasse de assistir a brincadeira se não tivesse o valor da contribuição. [...] Fazia esse empenho: visitar a escola, fazer esse contato com professores, divulgar de sala em sala e fazer a brincadeira... quando saía desse processo, nós saímos com o nosso sustento garantido, nossa sobrevivência! Então com aquele valor feito na escola, a gente tinha condição de estruturar um pouco mais, comprar alguma coisa pros meninos... uma compra pra casa que a gente estava... dava uma folguinha! [demonstrando a preocupação de estar sempre contribuindo nos lugares em que eram hospedados, geralmente por pessoas que se tornaram irmãs e irmãos na caminhada, como relatado pelas próprias pessoas no já citado livro *Uma Escola de Arte e de Vida*] Só que uma escola não dava. Tinha que marcar duas, três, quatro e, às vezes, tínhamos uma agenda cheia durante o mês.

Dois espetáculos, um de manhã, outro à tarde numa escola. No dia seguinte, mais dois espetáculos, um de manhã, outro à tarde noutra escola. Já teve vez da gente brincar a semana inteira na mesma escola.... escola que tem várias séries... passava uma semana numa escola só. Escolas de mais de 1.000 alunos... Então, isso nos manteve durante muitos anos. ["E tinha toda uma convivência com as pessoas..."] Toda uma convivência com essas pessoas!!!

A Casa dos Amigos e a labuta de colocar tudo dentro das caixas

Agora, no cotidiano, por exemplo, como que era? A gente tava ali, na casa dos amigos... às vezes tinha uma sala, um quarto, e aquela minha labuta de botar tudo dentro das caixas, organizar tudo, não deixar as coisas jogadas. Nunca deixei as coisas jogadas, roupa dos meus filhos jogadas. Era sempre tudo organizado! Eu tinha todo um cuidado... Imagina, eu tinha cuidado com a minha família e tinha cuidado no local onde estava. Eu estava sendo recebida, então eu não podia largar... [...] Eu nunca me largo para me sentir tão à vontade a ponto de deixar as coisas como se estivéssemos num lugar só nosso... Era muito intenso isso! [...] [Penso nas cobranças que eu mesma me fazia neste sentido na educação dos filhos: organização, limpeza, cuidado, compromisso...] Esse constante cuidado de deixar as crianças sempre limpinhas... Eu lembro que tivemos muitas pessoas com muita generosidade, e passamos muitas situações... Eu lembro que tem dois filhos meus que fizeram xixi na cama muitos anos. Era um sufoco! Por mais que eu botasse fraldas, que cuidasse, que zelasse, xixi na cama de menino é um negócio que não tem como você ficar completamente isenta de molhar o colchão. Só quem sabe é quem tem filho que fez xixi na cama. É uma luta: bota plástico, faz todas as formas de prevenir... Mas aí, vaza, e os amigos ficam chateados, porque ficava aquele cheirinho de xixi de menino na cama... e não era meu próprio colchão... [...] [Schirley, expressando o desconforto da situação, traz o sentimento da labuta cotidiana, narrando com todo seu corpo cada memória] Já passamos muuuuuuita situação. Mas seguimos... íamos seguindo... Então, muitas vezes a gente circulava, por exemplo, aqui em Brasília: um filho, dois filhos, três filhos... quando foi ficando tão gigante... [8 filhos!!!!!!] A Carroça com o passar dos anos mudou... e não eram mais todos os amigos que podiam nos receber... As configurações mudaram. Até os quatro filhos, ficávamos na casa de amigos. Depois vieram os gêmeos e as gêmeas!!! [ela para e sorri numa pausa reflexiva...] O negócio foi ficando um pouquinho mais complexo... [sorrimos juntas]. Era muita bagagem, muitas caixas, muitas coisas!!! Não eram todos os amigos que tinham condição de receber, por mais que quisesse... O amigo quase que ia pro quartinho dos fundos: "Toma de conta da casa e tchau. Vou sair daqui. Pode ficar com a casa pra vocês" [Sorrimos e sorrimos, porque há de se sorrir ao se lembrar, e, no meu caso, ao conhecer os bastidores de tudo aquilo que faz parte de uma vida que, se por um lado é poética e encantadora, por outro traz desafios que só conhece quem vivenciou os quixotescos caminhos percorridos pela família...] Caramba!!! Num é brincadeira, não!!! Nessa convivência, a gente fazia as mesmas coisas, eu e o Carlos, que nunca deixou faltar o pão na mesa. Ele não tinha habilidades de deixar uma casa arrumada, mas ficava com as crianças no colo pra eu poder fazer alguma coisa. Eu pedia: "bota um arroz no fogo". Ele colocava, mas muitas vezes estava no ócio filosófico, ou ligando pra uma escola, ou construindo algo... [...]

Sempre tivemos muita generosidade com a mesa, com o pão, contribuindo com todas as pessoas... compartilhando e fazendo as coisas... [...] Se a gente está na casa de uma pessoa que nos hospeda, num tem isso: "Ah, vou fazer a sopa [...] pros meus filhos". Não!!! Era sempre uma sopa grande pra todo mundo: "Não, não! Deixa que a gente faz! Deixa o almoço que eu cuido!". Não era só nós... era nós e os outros! Todos que estavam juntos eram contado como... [...] como participantes, porque nós éramos um grupo maior. [...] Então a gente sentia no cuidado com o outro, do acolher, de fazer, de zelar, limpar, lavar... ["De tudo e de todos!!!"]

Tinha seeeeempre um agregado... Que virava Família...

Muitas vezes não éramos só nós. Sempre estávamos com uma pessoa junto com a Carroça. Sempre tinha um agregado. Se não tinha, a gente arrumava um jeito de ter!!! [sorrio] Ô família que gostava de agregado!!! [ela gargalha, e atualiza:] Que gosta!!! [E Schirley completa na devolutiva, quando lemos juntas o texto, anos depois: "Porque é difícil!!!"]. Nesta e nas outras três entrevistas que vieram depois, assim como nas convivências que tivemos a longo de tantos anos, em situações diferentes, Schirley demonstrou sempre um ótimo humor e um jeito muito particular de narrar as situações mais desafiadoras da caminhada.]. Sempre tem gente agregado! Morando e convivendo e estando junto... E é um negócio tão interessante, que acaba virando família, fazendo parte. Aí a gente compartilha: "Não, não, não! Essa blusa num tá boa, não. Vai lá trocar essa blusa!", "Vai fazer essa barba, né? Você tá muito esquisito!", "Olha esse cabelo!". Eu falava mesmo pros meninos!!! [Referindo-se aos jovens que acolheram com a família. Comento: "Coisa de mãe, mesmo, né?" – evocando o arquétipo da mãe atenciosa, cuidadora, que desenha o caminho... mas geralmente considerada a mulher chata e estressada aos olhos de quem recebe o cuidado e ainda não possui maturidade para compreendê-lo. Agregados que entrevistei trazem esse olhar, de antes e depois, e sorriem lembrando das preocupações e do jeito de Schirley, reconhecendo a importância destas ações em suas vidas, e considerando Schirley uma grande mãe para todos, cuidando de tudo e de todos. Cuidados invisíveis, sobre os quais Schirley e eu seguimos refletindo desde que ela me falou sobre suas *artesanas do cuidar*, em uma fala espontânea sobre seus fazeres que nada mais é que o encontro entre a maternagem e a Arte da mãe mulher tecendo seus mundos no cotidiano da vida, e fizemos sobre isso uma belíssima publicação apresentando o conceito no título do artigo, publicado na edição com a temática "A Atuação de Mulheres no Teatro de Animação", da Revista Móin-Móin de Estudos sobre Formas Animadas (Gomes, França, 2020). E sigo com a entrevista de Schirley, expressiva que é, agora narrando com completa indignação aquilo que, não aceitando, ia alterando num processo educacional constante com os agregados:] "Não, péra lá: troca de roupa!!!", "Nooooossa Senhora, tem que lavar seu tênis, tá muuuuito ruim!!!!!!". Já o Carlos não! O Carlos não mexia com nada disso. Essa parte aí não era com ele, não. Eu que olhava tudo isso. Eu que via o conjunto: "Não, essa blusa com essas letras em inglês??? Não tem outra blusa, não? Troca essa blusa". [Aqui ressaltando o cuidado com nossas culturas e a crítica da família aos processos de aculturação típicos de uma sociedade colonizada que desvaloriza seu mundo em detrimento da assimilação de outras culturas, no caso, a norte-americana, com dominação cultural planejada e executada com maestria em países considerados naquela época como *países de ter-*

*ceiro mundo]. Eu pedia para os amigos voltarem mesmo quando já estavam colocando a caixa no carro pra sair... Eu mandava voltar mesmo!!! [Sorrimos juntas. A memória dos amigos agregados com quem conversei na pesquisa, é que Schirley era *linha dura* mesmo! Corrigia e botava ordem, mandava fazer direito, acompanhava, e dava bronca! Como toda boa mãe faz exercendo a função do processo educacional. Uma mãe conselheira, atenta, firme, ensinando os *filhos* no viver cotidiano. Em um ensinar que, para além das correções e aconselhamentos, também acolhia, agradava, orientava, e ainda curava doenças do corpo ou da alma. Schirley cuidava dos agregados como cuidava dos filhos! E nunca me esqueço de uma conversa informal que tivemos quando ela me contou a primeira vez sobre quando moraram com os meninos de rua em Fortaleza: "Eu lavava os cabelinhos e tirava os piolhos... de todos! um por um!". E me lembro também de Dona Dôra narrando seu aprendizado com Schirley sobre o uso dos remédios caseiros para cuidar de sua primeira neta nas *ensinanças* de Schirley, no texto onde está sua voz no livro da tese intitulado *Uma Escola de Arte e de Vida* (são quatro livros). E prossigo com Schirley:] Graças a Deus e ao universo que esteve conosco, houve muitas pessoas que nos auxiliaram com os nossos filhos... Porque os filhos criados em coletivo são muito mais bem criados! Porque, imagina, eu sempre estive nessa base. Eu estava sempre lavando as roupas, cozinhando, na manutenção, organizando... Algumas coisas eu me cobro: "Poxa, se eu tivesse lido mais com as crianças, feito outras coisas com eles, brincado mais, tocado um instrumento com eles... Mas não tive tempo pra isso!!! O que que eu fazia? Eu sabia o que tinha que ser feito: "Olha, tá aqui os livros. Júlio, lê com os meninos?", "Os meninos vão jogar bola, vai lá, Júlio, fica com eles". [Referindo-se ao *Palhaço Mandioca Frita**, menino em situação de rua que seguiu com a Carroça e com a Arte, e que, entrevistado, fala com muita saudade e carinho das correções desta que é a educadora de convívio, a educadora primeira na família, atuando nos processos invisíveis que vão propiciando uma formação que ele reconhece ter levado para a Vida.] Eu proporcionava esse lado que às vezes eu num dava conta de fazer, entendeu? Não é que eu num dava conta... era impossível fazer isso! O que eu faço hoje com as minhas netas: sentar, contar uma história, uma vez, duas vezes, três vezes... com meus filhos, com certeza, em alguns momentos eu conseguira, mas muitas vezes não! Eu contava lendo, e a gente também inventava as próprias histórias...*

Mostrar o Mundo para nossos Filhos

Eu fazia coisas com eles... tava sempre presente nessa parte criativa, viabilizando: "Olha, tá fazendo o quê? Não vai ficar à toa, não. Arruma um jeito de fazer alguma coisa. Tem nada pra estudar?". Nunca deixava eles completamente soltos, sem orientação. [Jéssika Cariri no livro *Uma Escola de Arte e de Vida* menciona como aprendeu sobre o desenho com Schirley, recordando que ela estava sempre a desenhar com as crianças, propiciando um ambiente de segurança emocional, alegria e aprendizagem que, ao mesmo tempo, possibilitava à mãe da família Carroça realizar suas tarefas cotidianas enquanto as crianças seguiam ocupadas e nutritas. Jéssika fala sobre os aprendizados que teve com Schirley no pouco tempo de convivência que tiveram. Ela afirma que inicialmente não pensava em ter filhos, e que se inspirou em Schirley, aprendendo com ela que a presença dos filhos poderia ser orgânica na vida de uma mãe artista. Schirley lhe ensina, como a outras mulheres (como a mim mesma!), sobre esse *maternar*.

De forma orgânica, e, naquela época de Jéssica, sem o conceito, mas com o exercício pleno de um modo de cuidar das crianças e organizar seu cotidiano. Um modo afetivo e efetivo que se desdobra em múltiplas dimensões no desenvolvimento do ser: física, funcional, psicoemocional, cognitiva, etc., dando a criança segurança e condições de um desenvolvimento saudável. Mas não é só, e Schirley segue contando...] Sempre eu tive esse cuidado [...] de brincar... de possibilitar à criança *ser criança*. Sempre prezei muito deles brincarem livremente. [...] Aonde eu chegava, eles sabiam que tinham o espaço do viver em família, e o espaço do viver no coletivo... Tinha o espaço que eles tinham que respeitar... as coisas em que eles não poderiam mexer... [...] Mas eles tinham os brinquedos deles, e sempre recolhi os brinquedos que eram de todos, mas separando os brinquedos que eram de cada um nos seus próprios bauzinhos: "Esse aqui é o seu brinquedo". "Esse aqui é do Francisco". "Essas coisas aqui... é da Maria". Não era tudo misturado, não! Eu sempre prezei pelas individualidades deles. Quando eles se juntavam, juntavam os brinquedos pra brincar coletivamente. Mas tinha os brinquedos que eram da história de cada um. Isso foi formando as individualidades deles!!! As roupinhas também eram individuais. [...] Tinha, é claro, às vezes, uma meia ou outra que misturava, mas cada um tinha suas coisas organizadas, individualizadas. O material de escola também! [Schirley, enquanto vamos revisando o texto na fase das devolutivas da tese, veio acrescentando conteúdos que demonstram a excelência da educadora primeira da família, mãe pedagoga capaz de colocar em prática organicamente seus conceitos estruturantes e métodos educacionais tão discutidos nas literaturas sobre as infâncias, que ela veio a conhecer décadas depois nos livros do curso de Pedagogia que concluiu na Universidade Fluminense na época da pandemia: "Na verdade, a individualização dos brinquedos faz parte da construção da autonomia... do eu... de um território que cada um constrói pra si... das memórias individuais... da identidade da criança que tem os seus brinquedos. A criança ajuda a mãe a guardar estes brinquedos, e a mãe, sua primeira professora, aquela que cuida, é quem vai ajudar a vincular essa criança a determinadas ações que têm a ver com suas próprias características. Isto no cotidiano mesmo: 'filho, vai no seu baú... vai pegar os seus brinquedos... vai brincar... vai pegar seu material de estudar... vai guardar o brinquedo agora'. São ordens que visam a um cosmos, visam a uma unidade, visam a construção desta autonomia, já se juntando os fios que vão dar identidade à cada filho". Nota-se nesta fala a propriedade de Schirley ao articular as experiências vividas de forma espontânea à toda uma formulação conceitual, que vai ficando cada vez mais elaborada na medida em que a mãe vai aprofundando sua caminhada, agora com diploma de pedagoga, e com as netas chegando para dar novo lugar às experiências do maternar, agora da avó!... [E voltando às reflexões de seis anos antes:] E sempre prezei por guardar as coisas com cuidado... por exemplo, o livro que eles ganhavam, os lapizinhos de cor, essas coisas que eles tinham e que ajudariam no processo de leitura e escrita oficial... porque a gente precisa desse veículo! Primeiro, eu ensinei a leitura do mundo, da Vida [nos fazendo lembrar de um de nossos mestres comuns, Paulo Freire, que dispensa apresentações e que me faz formular a frase: As lições de Schirley no cotidiano da Vida para nos esperançar!!!] Quando a gente circulava nas estradas, eu passava muitas horas falando com eles assim: "Olha, meu filho, olha essa vegetação... observe as montanhas..." Tá vendo que a gente tá mudando de uma paisagem pra outra, de uma localidade pra outra? Estamos saindo do cerrado e vamos passar para o semiárido... Isso aqui é uma planície". "Estamos nos pampas...". "Isso aqui é chamado Serra do Tabuleiro. Por quê????" [e ela simula a resposta dada pelos filhos/as, em uma voz doce e uma performatividade típica de quem segue maternando... ao

contar... ao ensinar quem ouve... ao compartilhar os saberes que desenvolveu ao longo de toda uma trajetória:] "Que legal, mãe, é reto, né?"... E o quê que é um tabuleiro?". Eu explicava o que era um tabuleiro: "é uma fôrma grande!". E mostrava como era um tabuleiro na montanha... Então: esse diálogo do mundo! Carlos e eu, *a gente* sempre teve esse cuidado de mostrar o mundo pros nossos filhos! [Schirley sempre narrando a partir do *nós*, como já ressaltado, o processo educacional e constitutivo de toda uma rede de conhecimentos de sua prole, que deixava de queixo caído as pessoas que viam as habilidades dos filhos, espantando-se com o fato de os mesmos não frequentarem as escolas] E aí as coisas foram surgindo na sequência disso... [...] Os filhos tinham as coisinhas deles. Sempre no local que a gente chegava, tinha a hora de estudar com eles, de passar o dever de casa, de fazer o desenho. Eu sempre primava pelo desenho. Quando estava em algum lugar que tinha um espaço melhor, que era mais nosso, sempre arrumava um jeito de fazer um mural com eles. Eu valorizava o que eles estavam fazendo! Sempre valorizei! Aí, depois, recolhia tudo, guardava. Eu tenho um pouco desse material guardado... as coisas que eles foram construindo... os desenhos... Mas são muitos, menina!!! [Na devolutiva do texto, Schirley explica: "eu expunha os desenhos para valorizar a expressão de cada um. Era uma forma de fixar um território individual no território coletivo da afetividade". Demonstrando mais uma vez esse território de profunda afetividade e atenção da própria Schirley aos processos dos filhos! Sobre o tom e o carinho que há nas palavras e no jeito de contar da mãe da família Carroça? Este eu não consigo traduzir em palavras, mas registro como um modo de trazer mais elementos para a reflexão deste modo maternal de conduzir os processos e as narrativas desta mulher de mulheres. O Amor de Schirley e seu desejo de partilha, inspirou muitas maezinhas que conheci na caminhada da pesquisa de doutoramento, como fiz apontar com a menção à Jéssika Cariri. Mas há outras... Muitas outras... Sorrio e, pensando na dinâmica de uma vida itinerante com todos os desafios comuns à maternagem (inclusive cobranças e autocobranças), comento, não como a pesquisadora, mas como a mãe e mulher que está entrevistando: "Estou tirando pelos meus dois filhos, e pensando: "Gente, como é que faz com oito?". E ela, pegando o gancho e sorrindo junto, segue narrando:] Com oito!!! e viajando!!! Porque uma hora as coisas estão num canto, outra hora, em outro. Não tem um canto certo, parado. Tinha os cantos itinerantes. Como é que existe um *canto itinerante*?! Fala pra mim!? [Sorrismos] Os cantos itinerantes!!!

Eu possibilitei o Carlos de ser o que ele é no potencial criativo dele

[E por fim, comento: "Que bom, Schirley. O tempo é pequeno, mas são essas pequenas escutas que eu tenho feito com você, desde que a gente tem se encontrado, que são tão importantes e sagradas pra gente contar o Carroça (Este Carroça ao qual eu toda a família ainda referíamos pelo artigo no masculino, como explicado em outros textos deste labirinto de histórias e camadas discursivas) E complemento minha fala para Schirley: "É aquilo que estava te dizendo: eu até posso ver e contar, mas... assim... a sua palavra... é a palavra! É sagrada e consagrada porque é a palavra de quem viveu! E é, inclusive, a palavra mais invisível, como foi ficando claro nas primeiras entrevistas com os filhos que falavam da Arte, dos bonecos, dos processos criativos do pai, dos ensinamentos do pai... Ora, da Arte, todo mundo vai falar sempre: dos bonecos, das cenas,

do que é visível e visibilizado diretamente na cena, que diz respeito à materialidade do trabalho do pai na companhia... mas isso que você proporcionou, toda essa base para que tudo isso aconteça... porque o Carroça não existe sem isso!"... Schirley, muito reflexiva, assimilando, concorda:] É... ["Só que... geralmente, essas coisas, eu digo, do lugar da mulher, né... [...] da mãe do Carroça, que é a base do grupo familiar. Essas coisas, elas estão presentes, mas não estão no primeiro plano. Tem sempre outras coisas no primeiro plano, mas nada existiria sem isso que está por detrás, embora não seja falado. Te contei do meu desejo de fazer essa escuta de 'Cadê essa mãe???''. Quem é essa mulher que eu já sei identificar sem precisar de muitas coisas". (Esta que eu já sabia identificar sem precisar da fala deles, porque ela está neles!!! E depois, importante dizer, eu liguei o gravador e perguntei aos filhos e filhas na nova leva de entrevistas da pesquisa: "E a Mãe???" – vendo o movimento de todos e todas de parar para pensar e formular aquilo que era o óbvio: a mãe era a base! E sigo contando a Schirley sobre minha recordação do primeiro encontro com ela e a Carroça, quase 13 anos antes, meu primeiro filho no peito.) Quando a gente se encontra com uma família de oito filhos, todos bem cuidados, com um espetáculo bem cuidado, encontro aquele ônibus que você caminhou comigo pra me mostrar - o Brasilino, foi você que me mostrou o Brasilino, lá nos idos de 2005 -, e eu olho e sinto assim, um espanto: 'Nossa, essa é uma Mulher!'. Não se chega até aqui... uma família destas... se não tem, assim... (eu tentava formular internamente) e eu começando mãe, né... eu pouco sabia do que era ser mãe, o primeiro filho mamando quando vi vocês pela primeira vez - e ainda tô aprendendo... (e aponto aqui esta necessidade de falar-me, narrar-me para Schirley, em uma espécie de narrativa intrínseca deste modo tão feminino de trocar afetos, narrativas, de dizer a ela sobre o espanto/encantamento que tive sobre sua figura, desde a primeira conversa, mas também sobre o meu próprio processo de ser mãe, influenciado por meu encontro com ela...) Eu também coloco lá os desenhos na parede, e me sinto igualmente *culpada* por aquele momento que eu não pude estar junto porque tinha que fazer o que tinha que ser feito... uma culpa que também se aceita, sabendo que é isso... Mesmo tendo um companheiro que compartilha dos processos, nosso papel é muito diferente. O tempo da gente com eles e os processos intermináveis na lida cotidiana, é outro." Schirley prossegue:]. Inclusive, eu digo, sem nenhuma sombra de dúvida: muitas vezes eu possibilitei o Carlos de ser o que ele é no potencial criativo dele. Muitas vezes ele tava no processo de confecção dos bonecos e eu todo tempo gerenciava esse cuidado de garantir o processo de criação. Respeitava esse tempo. Sabe uma coisa que você deseja como artista? Esse desejo de ter alguém que te cuide, e te deixe criar? ["O sonho de todos nós!!!"] O sonho de todos nós!!! Pois eu possibilitei isso pros meus filhos e pro Carlos. Eu cuidava dum lado que impulsionava o processo de criação. Os filhos estavam cuidados, a casa estava mantida [lembrando que a casa era o espaço onde a família estivesse, adaptado por Schirley], a roupa limpa, a comida feita... a vida ali, gerenciada, e ele fazendo os trabalhos criativos... lindos!!! maravilhosos!!! E ainda compartilhando a agonia dele... [Schirley recebia e acolhia essa *agonia*, um modo de comportamento que denota a angústia dos grandes criadores e o compromisso com sua obra, e também um modo peculiar de existência de Carlos que foi comentado em outras entrevistas da tese, ressaltando um comportamento irritadiço. Conviver com Carlos de maneira íntima durante muitos anos, me deu a perfeita dimensão da realidade destes relatos, ilustrando, entre outras coisas, as tensões envolvidas tanto nos processos meticolosos de criação do pai da família, como os próprios desafios trazidos pela vida, que não eram poucos e nem pequenos, a começar pela própria escassez dos

recursos, especialmente no início da trajetória da família. E, neste sentido, Schirley segue na entrevista narrando a situação de falta dos recursos materiais, que muitas vezes a fez buscar soluções alternativas para confecção das criações. Note-se: soluções que agregavam nos modos de produção e na estética da companhia.] Às vezes, quando não tinha um tecido, ou não tinha dinheiro pra comprar um tecido, uma linha, uma agulha, eu sempre arrumava um jeito daquilo ser impulsionado... dessa criação ser impulsionada. Quantas vezes a gente tava fazendo as caixas dos bonecos e não tinha material? não tinha como comprar tecido nas lojas!!! [E sobre isso, cito novamente a publicação da Revista Móin-Móin (Gomes, França, 2020) que traz uma outra entrevista muito especial realizada com Schirley durante a pandemia na plataforma zoom, no dia 11 de junho de 2020, que ilustra como se dava este cotidiano em detalhes, e quais as contribuições de Schirley para pensar e solucionar processos criativos junto à Carlos Gomide. E na proposta de uma *leitura brincante*, que também está na tese à qual pertence este texto, convido que a leitora/leitor clique no link da entrevista na nota de rodapé⁵ e simplesmente escolha um lugar da entrevista para dirigir seu olhar... qualquer trecho... parágrafo... frase... palavra... o que desejar... para complementar sua experiência de leitura de forma leve e integrada à metodologia proposta para escritas e leituras brincantes, seguindo a verve da família pesquisada. Mas que depois retorne para cá, para findar a leitura deste artigo que já vai chegando a termo.].

As Caixas que a Gente Carregava: Tecnologias e Pionerismos de uma Vida Itinerante

Muitas vezes eu fiz caixas de tecido com roupas usadas nossas... minhas saias de retalhos: "Vamo pegar essa saia aqui?". Cortava a saia, cobria as caixas. Tem uma caixa lá no Rio que é uma caixa que eu tenho a maior estima. Dentro da caixa é coberto com as minhas saias... E isso é representativo, porque eu precisava daquela caixa montada, porque dentro dela iria caber um universo de coisas pequenas que eu não teria condição de carregar se não estivessem compactadas num só lugar. Então a gente criou esse movimento das caixas, que foi um outro salto da Carroça, e que também inspira muitos grupos com seus *cases* [da palavra *case*, em inglês] maravilhosos... de rodinha... [Tecnologia repassada à muuuitos grupos, e cito a Cia. Os Kaco-TO, que já passeia em algumas linhas deste trabalho, ficando ao leitor o convite de encontrá-la por algum canto, linha, entrelinha ou nota de rodapé...] E a gente começando com caixa de papelão!!! Pegava os papelões nas ruas, sem nem armação! A maioria das nossas caixas não tem nem aquela armação principal de madeira. [Assisti Carlos produzindo algumas ao longo destes anos, e são verdadeiras obras de Arte...]. Durante os anos é que a gente foi desenvolvendo as armações de madeira pra fazer o esqueleto da caixa, pra depois cobrir de papelão... As primeiras caixas foram só de papelão, sem o esqueleto de madeira... Nós fazíamos essas caixas e cobríamos com jornal, com grude... muitas caixas feitas com grude!!! [Uma liga de farinha e água que funciona como cola, com custo baixo de produção, mas muito eficiente para fazer a papelagem,

⁵ O artigo recebeu o nome de: Schirley P. França e a artesanato do cuidar: memórias de uma mãe bonequeira de muitos filhos e bonecos, e pode ser consultado no link: <https://periodicos.udesc.br/index.php/moin/article/view/18503>.

servindo também como uma espécie de verniz, dando estrutura e certa impermeabilidade aos papéis, tornando assim a caixa mais resistente.] Não usávamos essa cola Cascorex, a gente não tinha condição de ficar comprando. A gente fazia grude mesmo!!! Moldávamos as caixas no formato desejado de acordo com o que ela iria guardar, e depois fazíamos uma cobertura [...] e papel... jornal... papel... jornal... e cobria aquilo tudo, vindo com tecido e formatando as caixas. E essas caixas, a gente carregava... por exemplo, esse baú que eu tô lhe falando, é um baú grande. Quando a gente abria e tirava tudo de dentro, "Uau! Como é que coube tudo isso aí dentro?". Porque a gente ia acondicionando a roupa bem dobradinha, e botava outra caixinha com adereço, e botava uma caixinha de costura e colocava as tesouras e ia organizando aquilo tudo ali dentro pra poder condicionar o traslado. De um estado pro outro eu tinha que carregar aquela caixa, aquele material todo. Outro salto foi quando eu comecei a botar capa nas caixas. Quando começaram a surgir os espetáculos, *Histórias de Teatro e Circo*... que já era o Boi, a caixa do boi; o Cavalo, a caixa do cavalo; já tinha a caixa da Mariama. Essas caixas eram todas coloridas, a maioria delas. Uma era azul, outra era com flores em cima. Então, quando visualizámos o conjunto: o Carlos, eu com as minhas saias rodadas, os meninos todos com suas roupas coloridas, era difícil a gente visualizar uma unidade... Era tudo colorido demais! Então eu pensei: "Pra me organizar, eu preciso começar pelas minhas caixas. Então eu vou fazer capas de uma cor para cada especificidade". Por exemplo, *Histórias de Teatro e Circo*, criamos capas vermelhas. Tudo o que era do *Histórias de Teatro e Circo*, as capas, as pernas de pau, a capa do Boi, a capa do cenário, a capa dos bambus, tudo era em vermelho! Então, quando eu chegava em algum lugar, eu sabia que aquele material que tava ali, seis ou oito volumes vermelhos, é o que vai sair pro espetáculo. Não tem essa questão "Ah, esqueci isso, esqueci o fio, esqueci aquilo!". Eu não tinha possibilidade de esquecimento. Não era possível, pra mim, esquecer nada, porque eu tava na itinerância... Eu esquecia num estado: "Ah, eu esqueci ali na Bahia". Tô indo lá pro sul do Brasil... esqueci na Bahia uma coisa... Jamais eu ia rever! Não tinha essa possibilidade de perder... de largar pra lá. Eu precisava muito, muuuuito me organizar pra não perder nada, não deixar as coisas pelo meio do caminho, entendeu? Eu que comecei a criar esse movimento. As coisas que eram da Maria, procurava um jeitinho de identificar: "Cadê suas coisas, Maria? Me ajuda aqui, bota sua caixa, seu baú, sua malinha, suas coisas". Também fazia isso com os meninos pra poder facilitar esse movimento. Algumas vezes, realmente não dava. Imagina colocar uma bolsa pra cada um pra descer pra tomar banho numa parada de ônibus interestadual. Eu tinha que ter uma mala maior que eu botava aquelas mudinhas de roupa pra eles, e a gente fazia esse coletivo em alguns momentos. Mas é mais ou menos esse princípio aí. E hoje, com os outros espetáculos, são todos assim, o *Felinda* é azul, o *Pano de Roda* é verde e o *Janeiros* é marrom... [O trabalho de construir e identificar as caixas da Carroça é primoroso, mais uma verdadeira obra de Arte, que, para além das caixas em si, constitui toda uma tecnologia. Cada espetáculo é identificado com cores específicas nas capas. Um procedimento que agrupa mais uma contribuição importante desta mulher na organização da família e de seus modos de produção. Tecnologia que se estendeu a outros grupos familiares e/ou artistas que aprenderam desta Arte com a família, disseminando-a por vários cantos do Brasil. Um saber fazer que merece um capítulo à parte em paralelo à história dos bonecos da Carroça de Mamulengos. Através da necessidade de organização, as enunciações da mãe e as engenhosidades do pai iam encontrando caminhos, materializando processos organizacionais inventados pela educadora matriarca.]

A Arte e a Vida com Valor de Eternidade!!!

Essas linguagens, por exemplo, a gente fala assim: "Qual a referência do Carroça para dramaturgia?". Agooora a gente começa a visualizar: é um movimento de organização cê-nica, da limpeza do espaço, do sagrado na Arte, a relação primeira com os mestres, que é fundamental! O respeito aos mestres, esse entendimento político, de entender que: não é tudo que vem da Cultura Popular que é libertador. Tem que haver um diálogo do belo, do que se quer transmitir... Esse cuidado, a questão do cuidado que o Carlos tem, é uma coisa muuuuito séria! Ele, como criador, ele é muito... ele tem uma questão da Arte com o valor de eternidade... [me fazendo lembrar Walter Benjamin em sua reflexão sobre a *aura*] Ele dá um valor de eternidade na Arte, entendeu? Porque os bonecos... ele não se contenta em fazer o boneco e o boneco ser descartado. Quando se debruça numa criação, essa criação... ela vai romper gerações... ["Que é o que está acontecendo Schirley!" – comento, me referindo ao que eu já observava na convivência e nas entrevistas com os filhos e filhas, nas narrativas em que restava nítida a imensa preocupação de todos para com o extremo cuidado no fazer de sua Arte e na responsabilidade do *ser artista*, para usar reflexões que brotaram espontaneamente, sem que fossem perguntados por isso de forma específica. Nesta reflexão, Schirley conceitualiza o *valor de eternidade* também apontando para um processo intergeracional que, nos anos que se seguiram, acompanhei no crescimento das próprias netas, em especial as duas mais velhas, lara e Ana Gomide.] Valor de eternidade... [fica a refletir...] Incrível isso, né? Valor de eternidade é muito interessante... esses detalhes que a Carroça... intuitivamente... é uma coisa que nos foi proporcionado... não foi pensado, entendeu? Nos foi ofertado... uma missão!!! Eu penso que é uma missão... é algo maior... Só tem essa explicação! Aí, pronto! Aí está a chave para as futuras gerações: "nossos princípios vão ser esses aqui... vão ser inspirados no Carroça de Mamulengos...". Você já tem uma receitinha [fala sorrindo], um exemplo de uma experiência... Receitinha boa!!! [sorrimos juntas]. Pode fazer esse bolo que vai ser um sucesso!!!". [com alegria Schirley finaliza:] Eu tenho essa receita... quer??? [E caímos na risada, após uma entrevista muito leve e ao mesmo tempo muito intensa, que traz as chaves de toda uma pedagogia da qual Schirley é a pedagoga primeira! Uma pedagogia de pedagogias ligada aos saberes e fazeres de uma mãe e mulher em constante atenção aos processos de toda a família à sua volta, escavando suas subjetividades nesta tal pedagogia que aqui formulo: uma *pedagogia de maternagem!*].

Considerações Finais

A alegre, íntima e reveladora entrevista de Schirley sobre as inteirezas da vida cotidiana da Carroça revelam, no cotidiano, a incrível Mulher, Mãe, Brincante, Artista de muitas Artes e Educadora Primeira da Carroça (em maiúsculas, mesmo). SCHIRLEY P. FRANÇA com P. abreviado, é a forma como ela me pediu para identificá-la na primeira vez que lhe mostrei um escrito sobre a Carroça, nos idos de 2018. Importante dizer que Schirley sempre leu o que vim lhe oferecendo ao longo da trajetória do doutorado, anotando, corrigindo, sugerindo, ávida pela leitura de calhamaços de páginas de páginas. Vale ressaltar que da família, somente ela, Carlos Gomide e Maria Gomide fizeram o mesmo, o que traz um tempo estendido para conclusão dos processos de devolutiva, que ainda estão em curso.

Essas leituras compartilhadas também se tornaram parte da nossa convivência, com muitas conversas sobre a Vida. Comentando o cotidiano e os textos, íamos enxergando algumas realidades, e, com elas, novas possibilidades de reflexões, ações e TranFormAções, cada uma de nós caminhando naquilo que necessitava, ao nos nutrirmos da presença uma da outra. Partilho aqui uma lembrança de um dos *diários memoriosos* (cadernos de pesquisa) que ficaram registrado em meu coração:

Quando conversamos por telefone ainda pela primeira vez, eu combinava de ir ao seu encontro para lhe explicar minhas intenções para com o trabalho da tese e pedir licença para realizar a pesquisa, e Schirley me disse, bastante reflexiva: "eu já vinha pedindo por uma pessoa já faz uns anos... uns dois anos... e andava pensando nisto por estes tempos... e agora você veio!".

Como Schirley, eu também me vejo em missão no trabalho que realizo! Ela foi a primeira pessoa da Carroça com quem conversei, ainda nos idos de 2005, em São Carlos, no interior de São Paulo, após assistir uma miraculosa apresentação do *Histórias de Teatro e Circo* com meu primeiro filho ainda mamando, assim como mencionado nas entrelinhas da entrevista acima. Sem dúvida, Schirley me inspirou na missão da maternidade! Maternidade de uma mãe artista repleta de tarefas, mas apaixonada pelos processos de cuidado que envolvem a *maternagem*.

Nossos encontros sempre foram recheados de trocas muito profundas, muito bonitas e muito produtivas no sentido de nos desvendarmos e desvendarmos o valor destas ações invisíveis que envolve o *maternar e as artesâncias do cuidar...* Falávamos sobre tudo! (ou quase tudo!) O que muitas vezes emergiu, foi a consciência sobre nossos lugares de mulheres intuitivas e extremamente produtivas em cenários em que a potência de nossa ação se realizava de forma crucial, ainda que não fossemos completamente vistas e ou valorizadas com relação à importância destas ações, nem em relação a alguns aspectos de nossas sabedorias (relacionadas às nossas *feminilidades?* Conceito e terminologia que estamos a refletir...).

No jogo das invisibilidades que seguimos desvendando, trazidos de forma explícita ou implícita nas conversas, estava nossa imensa capacidade de sentir as coisas, mediar situações, e, amorosamente, conduzir os caminhos das famílias, agregados e quem mais chegasse, mesmo diante dos mais escatológicos desafios (a Carroça teve muitos!). Como disse um dia, em algum lugar, o grande escritor colombiano Gabriel García Marquez (não nestas palavras, mas segue como as guardei de memória acrescentando meus próprios traços): "os homens seguem a desbravar e abrir os caminhos do mundo, para depois destruí-lo, enquanto as mulheres, com seus fios invisíveis, vão tecendo os fios que o sustentam, conectando mundos"...

Depois desta primeira entrevista, Schirley e eu fizemos mais 4 entrevistas gravadas, que trouxeram muita luz sobre muitos pontos importantes sobre a trajetória da família, seus modos de criação e produção, seus desafios e conquistas. Está nos planos seguir fazendo novas leituras e escritas com esta incrível e sempre corajosa mulher que seguiu

sonhando e realizando seus sonhos, desde jovem. Schirley e seus sonhos... Sonho de sair viajando *esse mundão*, tornando-se assim uma grande companheira para Carlos Gomide como aventureira Mãe e Artista que ia construindo nos caminhares deste *Brasil profundo*, como ela mesma se refere aos rincões que percorreu. E mais recentemente, já em sua maturidade, realizando o sonho de formar-se em uma universidade: no curso de Pedagogia em 2020 pela Universidade Federal Fluminense. E cito ainda mais um... sonho de sonhos... quando recém-formada, tornar-se, junto com sua família, uma professora do Curso de Pós-Graduação⁶ da Carroça de Mamulengos, assim chamado: *Saberes e Fazeres para a Arte e a Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos: O que nós podemos fazer por nós mesmos?*⁶.

Schirley, a mãe abundante identificada por seus filhos como a base de tudo na Carroça. Schirley que, segundo muitos relatos, dentro e fora da família, sempre teve a capacidade de transformar o espaço e todo ambiente de seu entorno num espaço/ambiente muito agradável... Fosse um quarto, uma cozinha, uma varanda, um balcão, um ônibus, um cantinho qualquer numa casa ou num teatro, como nos tempos em que moraram no teatro Santa Rosa, em João Pessoa-PB, que se tornou uma casa acolhedora apesar do aspecto rústico de construção inacabada onde ficaram, sem piso, sem reboco nas paredes, sem acabamentos outros... Filhas e filhos da Carroça são lembrados por muita gente como crianças impecáveis, sempre arrumadas e limpas, tendo bem cuidadas suas roupas, e, em cena, tendo bem cuidadas suas maquiagens, figurinos e adereços. Filhas e filhos citados como um exemplo de educação: crianças respeitosas, alegres e prestativas, conscientes de seus deveres, direitos, sempre atentas na tarefa de agir e servir ao coletivo, apesar de serem crianças normais, que também arengavam, brigavam, se irritavam e aprontavam confusão.

Schirley chegava em qualquer lugar com seus baús e toalhinhas, paninhos, bordados, colchas, tapetes e procedimentos de organização, higiene e limpeza que garantiam o viver de uma vida digna, causando boa impressão nas pessoas que acolhiam ou acompanhavam a trupe em suas andanças. Aos cuidados aprendidos com a mãe e as avós, que já os traziam de suas ancestrais, ela inventava e somava os seus próprios procedimentos, adaptando saberes e fazeres ao contexto das itinerâncias em que viviam. Some-se a todos estes saberes e fazeres, os saberes e fazeres das gentes do povo que ia aprendendo pelos caminhos, e teremos a envergadura desta Mulher de mulheres, que tanto conviveu com as mulheres do povo. Mulheres de todo canto e lugar, com quem aprendeu e a quem ensinou de tudo um pouco, incluindo a própria medicina popular.

Nestas vivências, foi construindo uma identidade tão única e comovente como a de sua própria família que, como uma instituição parida também de seu ventre, reflete, repete e ressoa a partir de sua existência. Uma existência de convívio humano em uma família cuja sociabilidade está ligada intrinsecamente as habilidades desta mãe em cultivar os ensinamentos que permitem a boa convivência cotidiana em qualquer lugar onde estivessem, das simples casinhas do Juazeiro, aos casarios franceses onde também atam seus saberes. Para além da organização dos infinitos processos cotidianos da família que iam da ordem das coisas materiais à eterna missão de equilibrar emocionalmente filhos, companheiro e até os agregados,

Schirley foi a grande responsável pelo aprimoramento dos processos de organização e guarda dos materiais da família, desenvolvendo uma verdadeira tecnologia que possibilitou

⁶ Curso realizado pela Casa Tombada. <https://lp.acasatombada.com.br/saberespopulares/>.

à Carroça circular e seguir produzindo Arte por toda parte. Uma criadora de tecnologias múltiplas no rol de saberes e fazeres da família, muitas delas, tão intrínsecas, que desapareciam aos olhos desavisados... Dona Zélia, a mãezinha de Schirley, Irismar Marques, Felícia Johansson, Dona Gorette e Dona Dôra, são mulheres que recordam dos processos *quase insanos* de alimentação e cuidados com a prole e as pessoas envolvidas nos trabalhos e na Vida da Carroça, sempre com muita gente circulando na casa ou na sede do trabalho na comunidade. Cuidados visíveis e cuidados invisíveis, identificados no existir de uma jovem mulher que, sempre amamentando, reiniciava o ciclo da gestação... da *maternagem*...

Muitos processos das tecnologias desenvolvidas por Schirley são da ordem dos conhecimentos sensíveis, invisíveis aos olhos, e ligados àquela que identifico como uma *Educação Sensível*, extremamente ligada aos processos da maternagem (outro campo de intersecção a ser investigado). Processos com procedimentos tão reais quanto os procedimentos mais visíveis, como as técnicas de construção dos bonecos e o brincar dos mamulengos que fez com que Carlos Gomide fosse mais lembrado e relatado no momento inicial da pesquisa, inclusive pelos filhos e filhas, quando abordadas as temáticas Histórias de Teatro e Circo e União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus. Os saberes de Schirley também possuem substância, cor, textura e materialidade, como é o caso da criação dos figurinos da Carroça, que foram sendo desenvolvidos com o que ela tinha de disponível a cada momento. Segundo Maria Gomide, Schirley foi a criadora de toda uma identidade visual que posteriormente se espalha numa estética que permanece, mesmo quando a mãe já não está mais a criá-los...

Seus cuidados, reflexões e ideias, os acolhimentos, sua atenção à rotina da prole, os chamamentos de atenção e as correções quando necessárias (nem sempre compreendidas no momento) são como suas imensas caixas organizadíssimas, como as vestimentas impecáveis em sua simplicidade e originalidade, como os figurinos belíssimos e coloridos todos arrumadinhos nos bauzinhos individuais das crianças, como as mochilas e bolsinhas com maquiagens, livros, material escolar e brinquedos individualizados das Oito crianças!!!

E em tempo: foi ela mesma quem alfabetizou e/ou ensinou os mais velhos a alfabetizar os menores, num tempo em que ninguém falava em *homeschooling* (educação das crianças feita em casa, com a família)... E os estudos dos filhos e filhas são um caso à parte na história da Carroça, que se torna sim uma escola de Arte, mas, ao mesmo tempo, uma escola de educadoras e educadores! Schirley P. França constrói em sua caminhada um repertório de saberes e fazeres educacionais que também agregam sua marca específica à história e à própria estética da Carroça de Mamulengos. Um arcabouço que também ganha contornos teóricos originais no conceito de Pedagogia Brincante, cunhado por Maria Gomide ao revisitar as histórias da Carroça e da Mãe.

Por tudo isso, Schirley P. França, como Carlos Gomides enquanto mentor intelectual e artístico da Carroça de Mamulengos, constituiu uma caminhada de muito valor, inspirando mulheres e também homens que tiveram a oportunidade de partilhar de sua presença amiga e amorosa repleta de *maternagens*.

E finalizo este texto de textos com duas falas, uma minha, outra dela, respectivamente:

Schirley intuitiva, leoa alimentando e protegendo a prole, inventadeira de recursos mil, abundante, intensa, imensa!!! Menina, Mãe, Mulher e Aciã na roda das mulheres sábias... Sempre soube do tamanho da sua história, embora, por vezes, possa ter se esquecido de contar seus feitos, ocupada que estava de costurar as acontecências e afetos de cada ser da família que chegou por seu útero, ocupada que estava em dar bom acabamento à colcha de retalhos que a vida é, ocupada que estava fortalecendo o companheiro criador de mundos e bonecos, abraçando quem chegava, ao mesmo tempo em que cumpria as tarefas cotidianas de demandas infinitas! Nos recortes de cada um e uma em quem o maternar produziu seus frutos (e são muitos!), a mãe, mulher companheira, amiga, conselheira, dadeira de ordens e organizadora de tudo-tudo, filha de Dona Zélia, juntava os pontos... dando acabamento e graça a tudo e a todos! Schirley, ao desenrolar as contas de seu rosário de memórias, contando suas histórias, torna visível a obra invisível, que vai tomando corpo, mostrando suas cores, texturas e formas... suas artesarias de cuidados e do cuidar!

Com a palavra, a Mulher:

A História do Carroça está no coração, na vida das pessoas com quem a gente conviveu. É a história de uma família, a história de um jeito muito próprio de fazer Arte, de um jeito muito especial de viver: UM JEITO MAIS CONSCIENTE... MAIS AFETIVO... MAIS AMOROSO!!!

Schirley P. França

Referências

- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reproduzibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1, 2^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- _____. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- GOMES, Daniela Rosante. FRANÇA, Schirley Pinheiro. Schirley P. França e a artesania do cuidar: memórias de uma mãe bonequeira de muitos filhos e bonecos. Món-

Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 146-178, 2020. DOI: 10.5965/2595034702232020146. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/moin/article/view/18503>. Acesso em: 26 jun. 2023.

GOMES, Daniela Rosante Gomes. *Carroça de Mamulengos: poéticas de convivência e memórias de quem viveu e conta suas histórias*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe. RIBEIRO, Suzana L. Salgado Ribeiro. *Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011a.

MEIHY, José Carlos Sebe. HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2011b.

SCHEFLER, M. de L. RAGO, Margareth. A AVENTURA DE CONTAR-SE. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. *Revista Feminismos, [S. l.]*, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29973>. Acesso em: 31 maio 2025.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: Terceiras Histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. *Maternagem: Conceito e Prática*. Artigo publicado em site de Ana Luiza Figueiredo em 2021. Disponível em: <https://www.analuizadefigueiredosouza.com.br/artigos-e-capitulos> - <https://www.analuizadefigueiredosouza.com.br/post/maternagem-conceito-e-pr%C3%A1tica>. Acesso em: 26 maio 2025.